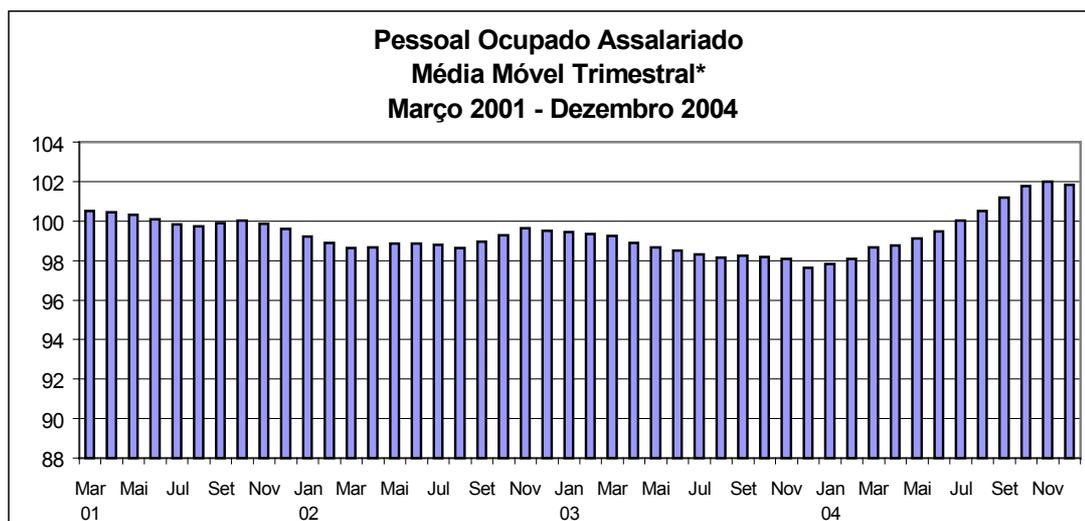


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em dezembro, o nível de emprego na indústria volta a recuar na comparação mês/mês anterior (-0,3%), livre das influências sazonais. No confronto com dezembro de 2003 a taxa fica em 4,4% e no acumulado no ano o acréscimo foi de 1,9%. Assim, o ano de 2004 terminou mostrando os melhores resultados para o emprego industrial desde o início da pesquisa, em 2001. No quarto trimestre de 2004, frente a igual período do ano anterior, houve expansão de 4,3% no número de pessoas ocupadas.

As reduções observadas desde outubro no índice mês contra mês imediatamente anterior contribuíram para o ligeiro recuo observado na trajetória do indicador de média móvel trimestral, que entre novembro e dezembro do ano passado apresentou taxa de -0,2%.



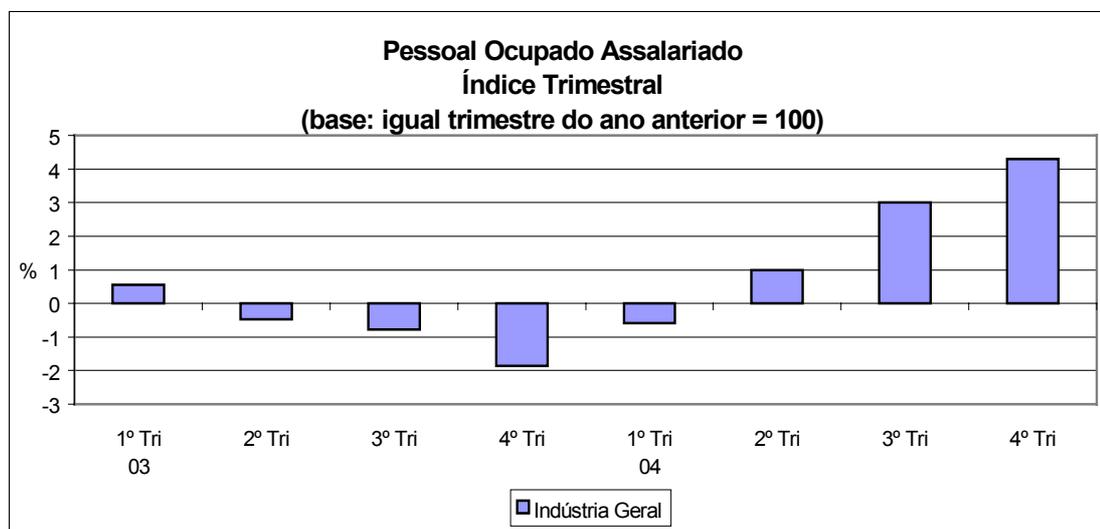
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

O acréscimo de 4,4% no índice mensal foi resultado do aumento no nível de emprego em treze das quatorze áreas e em treze dos dezoito segmentos investigados. A região Norte e Centro-Oeste mostrou expansão de 8,0% e o Rio de Janeiro ficou com a menor taxa positiva (1,4%); São Paulo, com 4,6%, foi o local que exerceu a contribuição mais significativa para o total do país. Neste estado, que detém cerca de 38% do emprego industrial, doze setores efetuaram mais contratações do que desligamentos, sobressaindo máquinas e

equipamentos (26,1%) e meios de transporte (16,6%). Em nível nacional, alimentos e bebidas (6,6%), máquinas e equipamentos (16,0%) e meios de transporte (16,5%) foram as principais influências positivas sobre o índice global de 4,4%.

Ainda na comparação dezembro 04/ dezembro 03, somente o Rio Grande do Sul apresentou queda (-0,9%), em função dos desligamentos em oito ramos industriais, com destaque para o de calçados e couro (-12,4%). No total do país, as demissões superaram as contratações em cinco ramos, com produtos de metal (-4,1%) e calçados e couro (-3,7%) exercendo os principais impactos negativos.

Na análise trimestral, observa-se que 2004 apresentou evolução inversa à de 2003. Enquanto que neste ano, somente o primeiro trimestre foi positivo, em 2004 o emprego apresentou trajetória crescente, e positiva nos três últimos trimestres: 1,0% no segundo, 3,0% no terceiro e 4,3% no período outubro-dezembro. Este movimento é explicado pelo crescimento da atividade industrial observado ao longo de 2004.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

No último trimestre de 2004, em relação a igual período de 2003, doze locais e doze atividades apresentaram índices superiores aos do terceiro trimestre, sobressaindo as contratações efetuadas no setor de refino de petróleo e produção de álcool (de 9,0% para 20,1%); vestuário, que ainda apresenta taxas negativas no período, porém de menor magnitude (de -7,0% para -1,6%); e meios de transporte, que aumentou o ritmo de crescimento de 9,7% para 15,1%. Entre as áreas pesquisadas, os principais destaques foram os

estados de Pernambuco (de -1,2% para 4,6%) e Rio de Janeiro (de -2,7% para 0,6%), onde os desligamentos eram superiores às contratações no terceiro trimestre de 2004 e que passam a apresentar taxas positivas no último trimestre do ano.

No acumulado no ano o emprego industrial cresceu 1,9%, com onze locais e doze atividades ampliando o contingente de trabalhadores. Em nível nacional, as principais contribuições positivas foram em máquinas e equipamentos (14,1%) e alimentos e bebidas (3,7%). Regionalmente, São Paulo (1,5%) e Minas Gerais (4,4%) exerceram as principais pressões positivas. Na indústria mineira, os setores de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (18,7%) e alimentos e bebidas (4,5%) sobressaíram como as principais contribuições positivas entre os treze que aumentaram o número de pessoas ocupadas, enquanto no parque industrial paulista, as contratações foram efetuadas em doze ramos, com destaque para máquinas e equipamentos (22,5%) e alimentos e bebidas (5,6%).

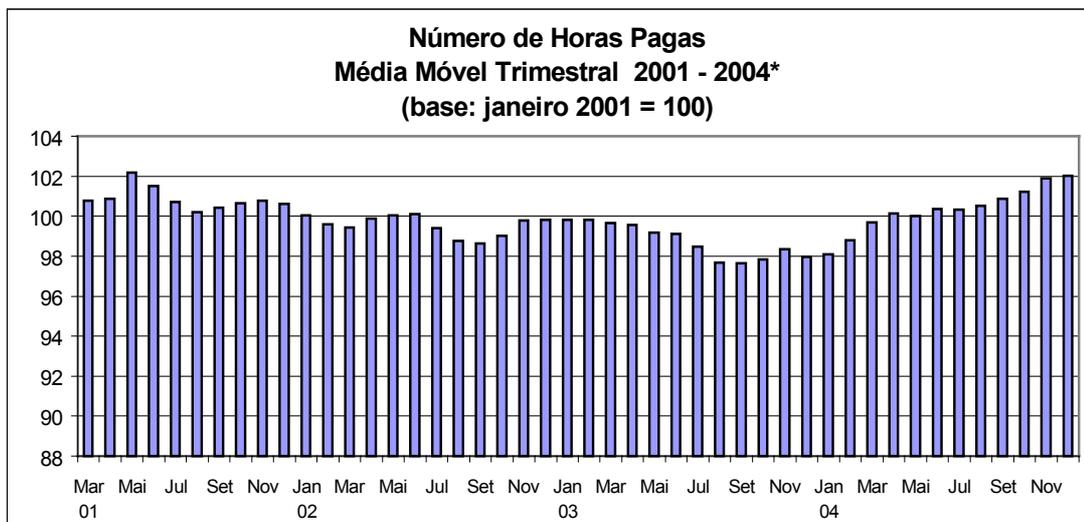
Por outro lado, Rio de Janeiro (-2,4%) figura como a principal influência negativa no resultado anual. No total do país, vestuário (-7,5%) e produtos de metal (-5,1%) representaram os principais impactos negativos entre os cinco segmentos onde não se observou crescimento do emprego.

Em linha com os índices da produção industrial, o emprego, número de horas pagas e massa salarial apresentaram resultados positivos em 2004. Setorialmente, nas atividades produtoras de bens de capital (máquinas e equipamentos e meios de transporte), de consumo duráveis (meios de transporte e material eletro-eletrônico e de comunicações) e nos ramos associados ao agronegócio (alimentos e bebidas), o emprego respondeu mais rapidamente ao desempenho positivo da produção do que naquelas áreas produtoras de itens tipicamente relacionados ao comportamento do mercado interno.

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

Em dezembro de 2004, o índice de horas pagas registrou queda de 0,3% em relação a novembro, na série com ajuste sazonal. As demais comparações assinalaram crescimento: 5,1% no confronto dezembro 04/ dezembro 03, 4,2% no quarto trimestre e 2,2% no acumulado no ano. Também apresentaram acréscimos os indicadores da jornada média de trabalho: 0,6% no mensal e 0,2% no acumulado no ano.

O indicador de média móvel trimestral, com pequena variação positiva de 0,1% nos trimestres encerrados entre dezembro e novembro, mantém trajetória ascendente, porém sinalizando movimento de acomodação.

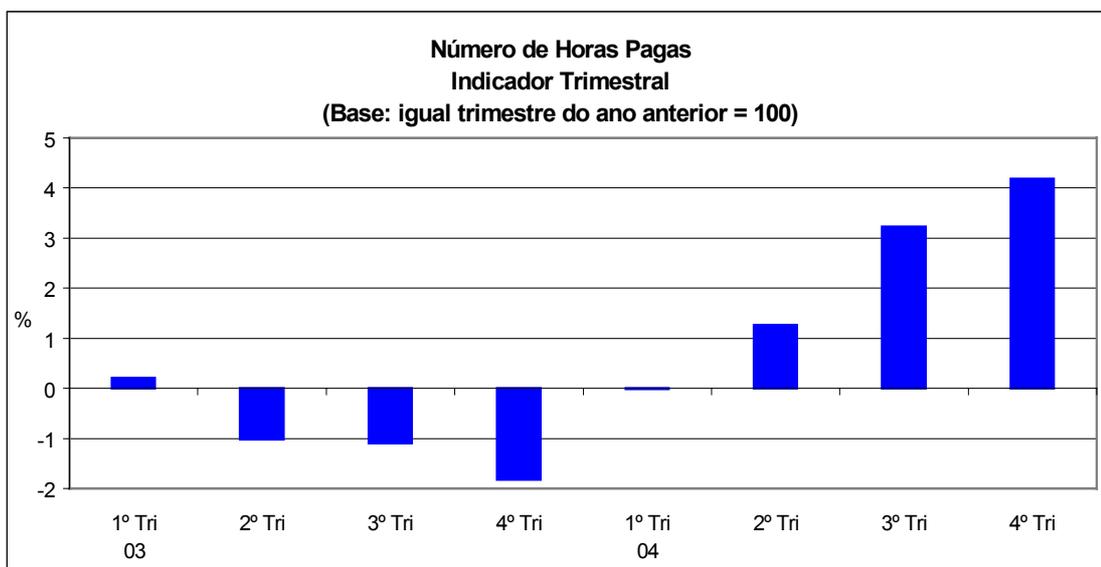


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Na comparação com dezembro de 2003, o número de horas pagas na indústria no último mês do ano passado exibe alta de 5,1%, resultado acima do de novembro (4,6%). Todos os locais e treze dos dezoito ramos pesquisados registraram crescimento. No corte setorial, alimentos e bebidas (7,3%), máquinas e equipamentos (16,1%) e meios de transporte (16,7%) exerceram as maiores pressões positivas. Por outro lado, vestuário (-2,1%) e outros produtos da indústria de transformação (-2,5%) foram as principais contribuições negativas no cômputo geral.

Ainda segundo o indicador mensal, os locais responsáveis pelos maiores impactos positivos no resultado nacional foram São Paulo (5,5%), Minas Gerais (6,6%) e região Norte e Centro-Oeste (8,3%). Na indústria paulista, onze dos dezoito ramos pesquisados aumentaram o número de horas pagas, com destaque para máquinas e equipamentos (25,9%), meios de transporte (17,8%) e alimentos e bebidas (10,5%). Na indústria mineira, os segmentos de metalurgia básica (15,6%), produtos de metal (27,4%) e meios de transporte (14,6%) foram os aumentos mais expressivos; e na indústria da região Norte e Centro-Oeste a maior pressão positiva veio de alimentos e bebidas (15,0%).

Ao longo de 2004, o indicador trimestral apresentou trajetória claramente positiva. O último trimestre mostra crescimento de 4,2%, superando o resultado do terceiro trimestre (3,2%).

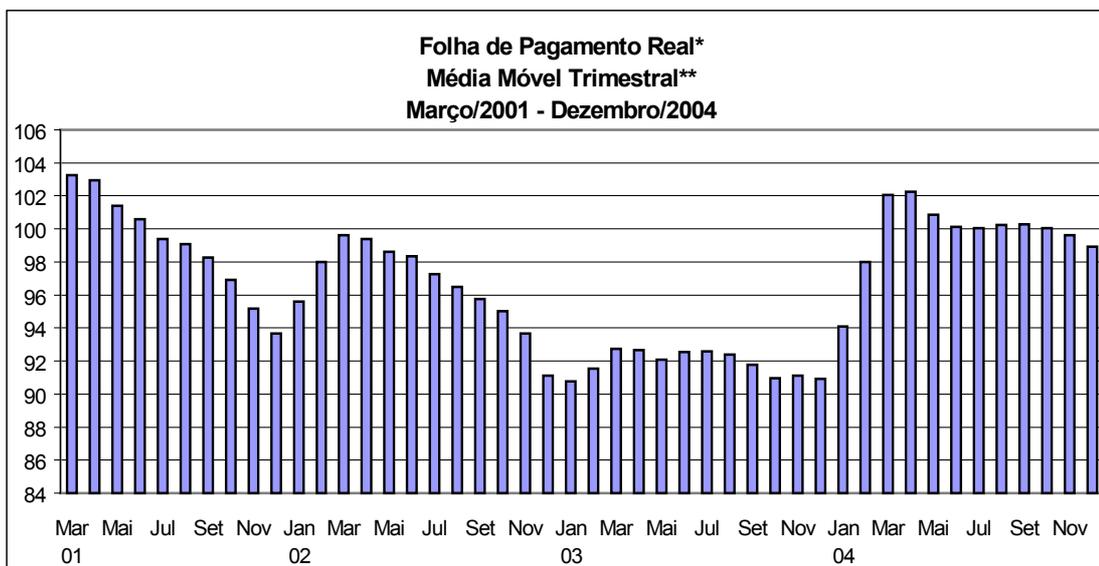


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

No fechamento de 2004, o número de horas pagas cresceu 2,2%, resultado que contou com o desempenho positivo de treze das quatorze regiões e doze dos dezoito setores industriais pesquisados. Os locais que apresentaram aumento de maior impacto foram São Paulo (1,8%), Minas Gerais (5,3%) e região Norte e Centro-Oeste (4,7%). A única pressão negativa veio da indústria do Rio de Janeiro (-3,5%). Em termos setoriais, os impactos positivos mais relevantes vieram de máquinas e equipamentos (15,0%), meios de transporte (9,6%) e alimentos e bebidas (2,7%). Por outro lado, as indústrias de vestuário (-8,0%) e de produtos de metal (-3,8%) foram as principais contribuições negativas no cômputo geral.

#### **FOLHA DE PAGAMENTO**

A indústria brasileira reduz, pelo terceiro mês consecutivo, o valor real da folha de pagamento de seus trabalhadores: entre novembro e dezembro há uma variação negativa de 0,6%, já descontadas as influências sazonais, sendo este movimento de recuo confirmado pelo índice de média móvel trimestral. Este mostra perda de 0,7% no valor real da folha de pagamento entre os trimestres encerrados em novembro e dezembro do ano passado.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da Indústria

\*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

\*\* Série com ajuste sazonal

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando crescimento: 8,8% em relação a dezembro de 2003, 8,6% no último trimestre de 2004 e 9,0% no acumulado no ano. No que tange à folha real média de pagamento também são assinalados resultados positivos segundo os principais confrontos: 4,2% no mensal e 6,9% no acumulado no ano passado.

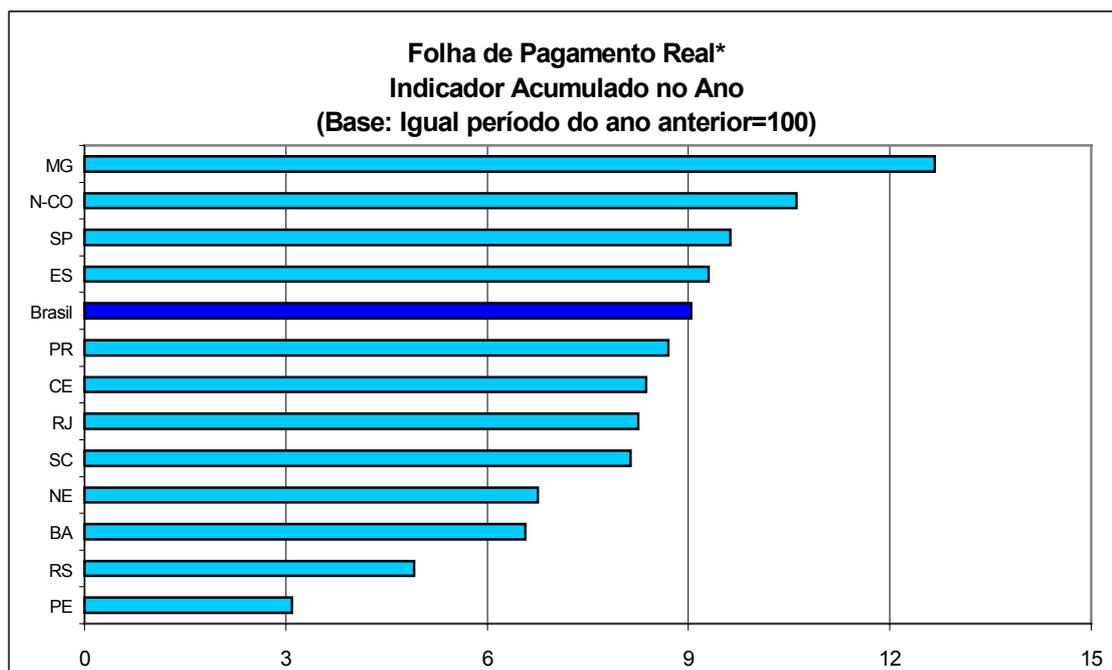
Em relação a dezembro de 2003, a folha de pagamento real cresceu 8,8%, com todos os locais pesquisados apresentando expansão. A indústria de São Paulo (9,6%) responde, mais uma vez, pela contribuição de maior impacto na formação do índice global, pressionada, sobretudo, pelo aumento observado em onze atividades investigadas, com destaque, principalmente, para meios de transporte (32,9%) e máquinas e equipamentos (22,0%).

Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, índices positivos na maioria (quinze) dos dezoito setores pesquisados, ficando o acréscimo de maior pressão no cômputo geral com meios de transporte (29,9%), vindo a seguir máquinas e equipamentos (16,1%) e alimentos e bebidas (7,8%). Apenas as indústrias produtoras de papel e gráfica (-8,6%), de outros produtos da indústria de transformação (-1,3%) e da madeira (-1,6%) exibem perda real na folha de pagamento neste tipo de comparação.

No corte trimestral, o índice do valor da folha de pagamento manteve taxas positivas ao longo de 2004. No último trimestre, a expansão de 8,6% ficou abaixo do índice para o terceiro trimestre (9,4%). As indústrias que mais expandem o valor da folha de pagamento real no período outubro-dezembro

são as de Minas Gerais (14,0%), Ceará (11,4%), região Norte e Centro-Oeste (10,2%), Rio de Janeiro (9,7%) e Espírito Santo (9,5%).

O índice para 2004 aponta crescimento de 9,0% na folha de pagamento, revertendo a queda de 4,2% observada em 2003. Na formação da taxa, quinze das dezoito atividades industriais investigadas influenciaram positivamente, destacando-se com os principais impactos: máquinas e equipamentos (28,3%), meios de transporte (14,6%) e alimentos e bebidas (8,5%). Em contraposição, produtos de metal (-3,4%), têxtil (-1,3%) e vestuário (-1,2%) são as três atividades que apontam resultados negativos. Na análise regional, todos os locais assinalaram variações positivas, com destaque para São Paulo (9,6%), pressionado em grande parte pelo acréscimo em máquinas e equipamentos (44,2%), meios de transporte (14,0%) e alimentos e bebidas (11,4%). Os locais que apresentam as maiores elevações são Minas Gerais (12,7%) e região Norte e Centro-Oeste (10,6%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da Indústria  
\*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

A folha média real de pagamento, segundo o indicador acumulado no ano, cresce 6,9%, com todos os locais e quinze dos dezoitos setores investigados apresentando ganhos em relação a igual período de 2003. Regionalmente as maiores expansões vieram do Rio de Janeiro (10,8%), Espírito Santo (9,3%), São Paulo (7,9%) e Minas Gerais (7,9%). Em nível setorial, os principais destaques, em termos de magnitude da taxa, foram máquinas e equipamentos (12,5%) e indústrias extrativas (9,6%).

Em síntese, os resultados positivos no total da folha de pagamento, nas comparações com igual período do ano anterior, sugerem uma trajetória de consolidação da recuperação dos rendimentos em 2004, decorrente do maior dinamismo observado na produção, e da manutenção dos índices de preços em níveis reduzidos ao longo do ano passado.